

Em matéria do Valor, o sócio-diretor da MGC Holding Eduardo Martins analisa o novo Desenrola

**Valor**<sup>ECONÔMICO</sup>

**Finanças**

## Recuperadora de crédito vê alcance baixo no Desenrola

### Programa deve atingir menos de 1% das dívidas, diz MGC

Por

[Liane Thedim](#)

— Do Rio

06/05/2026 05h02 Atualizado há 5 horas

A nova edição do Desenrola, lançada anteontem pelo governo, vai atingir menos de 1% das dívidas porque os critérios de renda até cinco salários mínimos e dois anos de atraso estão longe da realidade do endividamento do brasileiro, segundo Eduardo Martins, sócio-diretor da MGC Holding, dona da Crediativos, maior empresa independente (não vinculada a bancos) especializada na compra de direitos creditórios e na gestão de recuperação de créditos em atraso do país.

Além disso, diz ele, os bancos já se desfizeram de uma parcela significativa de suas carteiras inadimplentes “jovens”, por causa de normas contábeis que entraram em vigor no ano passado.

As normas do Banco Central obrigaram os bancos a provisionar recursos para perdas esperadas, em vez de somente perdas ocorridas, e levaram as instituições a vender suas carteiras “mais jovens”, vencidas há até dois anos, por serem as que mais pesavam no balanço, explica Martins. “Os bancos já vinham desde 2023 vendendo as carteiras recentes para companhias securitizadoras e fundos de direitos creditórios, os FIDCs, então hoje quase que não têm devedores com esse perfil”, comenta. “Paradoxalmente, quem comprou essas carteiras ficou de fora do programa”, critica.

De acordo com o executivo, o prazo médio das carteiras ofertadas à empresa no ano passado, que também incluem devedores não negativados, foi de 4.237 dias de atraso, sendo que em 2024 era de 1.267. Ele explica que o movimento de venda mais forte em 2023 e 2024 interferiu nesse prazo. “Até 2022, o prazo era de 4.000 dias, quando mudou a norma e os bancos venderam as carteiras jovens.”

Levantamento da Recovery, plataforma do Itaú de recuperação de crédito, mostrou que o movimento de venda de carteiras inadimplentes pelos bancos no ano passado atingiu R\$ 34 bilhões, um crescimento de 21,4% frente aos R\$ 28 bilhões de 2024, número já significativo. Essas carteiras reúnem créditos vencidos e a empresa que assume busca recuperar algum percentual do débito. Ainda conforme a Recovery, 43 empresas fizeram operações do tipo,